



## ARGUMENTO E PREDICADO EM KAIOWÁ: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE LINGUÍSTICA PARA O ENSINO DE VERBOS E NOMES NAS ESCOLAS INDÍGENAS GUARANI E KAIOWÁ

Anderbio Márcio da Silva Martins<sup>1</sup> (UFGD)  
[anderbiomartins@ufgd.edu.br](mailto:anderbiomartins@ufgd.edu.br)

Hemerson Vargas Catão<sup>2</sup> (UFGD)  
[hemersonvargas@ufgd.edu.br](mailto:hemersonvargas@ufgd.edu.br)

Felisberto Correa Vilhalva<sup>3</sup> (UFGD)

Eldo da Silva<sup>4</sup> (UFGD)

**RESUMO:** Neste estudo apresentamos uma breve reflexão sobre as noções de argumento e predicado em Guarani Paraguaio, Kaiowá e Guarani Ñandéva a partir de um conjunto de palavras consideradas por Guasch (1996), Melià (2006), Caneze & Acosta (2007), Guaranía (2008), Assis (2008) e Cardoso (2008) como sendo verbos, enquanto que Rodrigues (1952, 1953, 1981, 1996, 2001) tem considerado como nomes. O objetivo é discutir, à luz das descrições realizadas, a forma mais adequada de tratar o fenômeno. Os dados utilizados neste estudo foram coletados na aldeia Campestre, situada no município de Antônio João, onde há um número expressivo de falantes da língua Kaiowá. Consideramos a possibilidade de realizar reflexões linguísticas no ensino de língua materna nas escolas indígenas guarani e kaiowá. Por isso, esperamos que este trabalho contribua para o aprofundamento dos estudos linguísticos sobre as línguas em questão no âmbito escolar, fundamentando, inclusive, a produção de materiais didáticos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Argumento; Predicado; Kaiowá; Guarani Paraguaio; Guarani Ñandéva.

**ABSTRACT:** In this study we present a brief reflection on the notions of argument and predicate in Paraguayan Guarani, Kaiowá and Ñandéva Guarani from a set of words considered by Guasch (1996), Melià (2006), Caneze & Acosta (2007), Guaranía (2008), Assis (2008) and Cardoso (2008) as verbs, while Rodrigues (1952, 1953, 1981, 1996, 2001) has been considered as nouns. The objective is to discuss, in the light of the descriptions, the most appropriate way of treating the phenomenon. The data used in this study were collected in the village Campestre, located in the municipality of Antônio João, where there are an expressive number of Kaiowá speakers. We consider the possibility of performing

<sup>1</sup> Doutor em Linguística, docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados e do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena – *Teko Arandu*. [anderbiomartins@ufgd.edu.br](mailto:anderbiomartins@ufgd.edu.br).

<sup>2</sup> Discente do Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados e docente do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena – *Teko Arandu*. [hemersoncatao@ufgd.edu.br](mailto:hemersoncatao@ufgd.edu.br).

<sup>3</sup> Egresso do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena – *Teko Arandu*, habilitado na área de Linguagens e atual coordenador pedagógico da escola indígena situada na aldeia Campestre, município Antonio João-MS.

<sup>4</sup> Egresso do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena – *Teko Arandu*, habilitado na área de Linguagens e professor de língua Kaiowá na escola indígena situada na aldeia Campestre, município Antonio João-MS.



linguistic reflections in the teaching of mother language at the Guarani and Kaiowá indigenous schools. Therefore, we hope this work will contribute to the deepening of the linguistic studies on these languages in the school context, including, basing the production of teaching materials.

**KEYWORDS:** Argument; Predicate; Kaiowá; Paraguayan Guarani; Ñandéva Guarani.

## 1 Introdução

O motivo que nos levou a refletir sobre o aspecto descrito neste artigo foi o de questionar a proposta de classificação de um determinado conjunto de palavras como pertencentes à classe de verbos, assim como tem sido habitualmente considerado por alguns estudiosos, sobretudo do Guarani Paraguaio, como Guasch (1996), Melià (2006), Canese & Alcaraz (2007) e Guariana (2008). Essa classificação também é aceita e descrita no único estudo do Guarani Ñandéva falado no sul de Mato Grosso do Sul, de Assis (2008), talvez por influência dos estudos realizados no Paraguai sobre o próprio Guarani Paraguaio. Além disso, Cardoso (2008), em seu estudo sobre a língua Kaiowá, propõe uma descrição semelhante a que é encontrada nesses autores.

Por outro lado, Rodrigues (1952, 1953, 1981, 1996, 2001) e Cabral (2001), estudiosos das línguas indígenas brasileiras, sobretudo do tronco Tupí, onde está incluída a família Tupí-Guaraní, da qual o Kaiowá, o Ñandéva e o Guarani Paraguaio são membros (RODRIGUES, 1985), têm argumentado a favor da natureza nominal de um determinado conjunto de palavras que, para Guasch, Melià, Caneze e Alcaráz, Guariana, Assis e Cardoso, pertence a uma subclasse de verbos. Destacamos que a proposta de Rodrigues é assumida por Viegas (2017) em um recente estudo descritivo dos nomes e dos predicados nominais em Kaiowá.

Nesse sentido, buscamos apresentar brevemente as classificações propostas e refletir sobre os argumentos dados por cada um dos pesquisadores, a fim de entender qual seria a proposta de análise mais adequada para o ensino de língua Kaiowá e Guarani nas escolas indígenas situadas nas áreas desses dois povos, no cone sul de Mato Grosso do Sul, além de nos orientar também na formação linguística da área de Linguagens do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena – Teko Arandu da Faculdade Intercultural Indígena da Universidade Federal da Grande Dourados

(FAIND/UFGD), curso específico para os povos guarani e kaiowá dessa região. É claro que a proposta mais adequada para ser ensinada é a proposta de análise correta, no entanto, como não somos julgadores do que é certo e errado no que diz respeito a análises linguísticas, tendo em vista que ainda temos um longo caminho para percorrer na nossa formação, entendemos que todas propostas são contribuições para o entendimento do funcionamento da língua, mas são também sempre provisórias, dado ao estado da língua no momento em que ela é objeto de estudo, dado ao conhecimento da própria língua em estudo, das formações linguísticas dos pesquisadores que a estudam, bem como do estado de conhecimento da linguística enquanto ciência no momento da descrição. Por esse motivo, limitamo-nos aqui a fazer uma apresentação das propostas e sugerir a forma de ensinar o fenômeno a ser explicado nas escolas indígenas guarani e kaiowá do cone sul de Mato Grosso do Sul.

Sobre o fenômeno que vamos descrever, consideramos as seguintes estruturas<sup>5</sup>:

(1) xe Ø- mandua  
1sg R<sup>1</sup>- lembrança

‘eu lembro / minha lembrança’

(2) nde Ø- kane’õ  
1sg R<sup>1</sup>- cansaço

‘você está cansado / teu cansaço’

(3) ore r- esarái  
1pl.excl. R<sup>1</sup>- esquecimento

‘nós esquecemos / nosso esquecimento’

---

<sup>5</sup> As siglas e abreviaturas utilizadas neste trabalho são: 1sg (primeira pessoa do singular); 2sg (segunda pessoa do singular); 3sg./pl. (terceira pessoa do singular e do plural); 1pl.excl. (primeira pessoa do plural exclusiva); 1pl.incl. (primeira pessoa do plural inclusiva); 2pl. (segunda pessoa do plural); R<sup>1</sup> (Relacional 1 – marca de contiguidade sintática); R<sup>2</sup> (Relacional 2 – marca de não contiguidade sintática); R<sup>4</sup> (Relacional 4 – marca de não contiguidade, no qual o determinante é genérico e humano); C.COM (Causativo Comitativo); NEG (negação); LP (locativo pontual); CIRC (Circunstancial). Sobre o sistema de escrita, como há dois vigentes e utilizados entre os indígenas guarani e kaiowá, vale destacar o seguinte: <x> e <ch> representam a fricativa alveopalatal [ʃ]; <ñ> e <nh> representam a nasal palatal [ɲ]; <’> a oclusiva glotal [ʔ] e <h> a fricativa glotal [h].

(4) nhande r- ory  
1pl.incl. R<sup>1</sup>- alegria  
'nós estamos alegres / nossa alegria'

(5) pende Ø- poxy  
2pl. R<sup>1</sup>- raiva  
'vocês estão bravos / raiva de vocês'

(6) Eldo r- asy  
Eldo R<sup>1</sup>- dor  
'Eldo está doente / a dor de Eldo'

Os dados apresentados, embora sejam interpretados e traduzidos tanto para o português quanto para o espanhol ora como um sintagma nominal: *xe mandu'a* “minha lembrança” ora como um predicado “eu lembro”, levou alguns estudiosos do Guarani Paraguaio e estudiosos do Guarani Ñandéva e do Kaiowá a assumirem que palavras dessa natureza são, de fato, verbos, como veremos na próxima seção.

## **2 A possível existência de uma subclasse de verbos em Guarani Paraguaio, Kaiowá e Guarani**

Sobre a existência de uma subclasse de verbos, Guasch (1996, p. 115), por exemplo, chama essas palavras de *verbos chendales*, os quais, para ele, são propriamente um mero caso de justaposição. Provenientes de substantivos ou adjetivos que, mediante a justaposição de pronomes (che, nde/ne, ore, ñande/ñane, pende/pene), verbalizam-se: *che pochy* literalmente significa em espanhol ‘yo iro, ira mía’ ou ‘yo estoy enojado’ ou ‘yo tengo ira’; *che rasy*, é o mesmo que ‘yo enfermo’ ou ‘yo estoy enfermo’.

O que colocamos em dúvida nessa definição de Guasch é como a justaposição de um pronome a um nome resulta em um verbo. Dessa forma não compreendemos o processo que levou um nome a ser considerado verbo. De todo modo, Guasch (1996) assume que se trata inicialmente de um nome associado a um pronome, com o que

também concordamos, no entanto, que propriedades esse nome possui para ser considerado um verbo, pois muitos nomes na língua justapostos a pronomes independentes não se verbalizam: *xe kuation* ‘meu caderno, meu papel, meu documento’, mas nunca ‘estou encadernando, estou embalando, estou documentando’. Nesse sentido, entendemos que nem todos os nomes vão se encaixar nessa explicação de Guasch e tal explicação deixa uma lacuna sobre a constituição de verbos a partir de nomes. Somada a isso, fica evidente que o nome, na visão de Guasch, continua sendo nome, mesmo quando exerce a função prototipicamente verbal em determinados contextos, que é a de núcleo de predicado, além de continuar exercendo a função de núcleo de um sintagma nominal: *che pochy* ‘yo estoy enojado’ e ‘ira mía’, respectivamente.

Melià (2006), que também compartilha da proposta de classificação de Guasch (1996), afirma que esse tipo de enunciado é constituído por uma marca pessoal possessiva e um lexema adjetival ou nominal-adjetival, o que lhe faz considerar a existência de *verbo atributivo*, uma vez que se atribui uma qualidade ou modo de ser do sujeito (MELIÀ, 2006, p. 24), embora compartilhe também do rótulo *verbos chendales* proposto do Guasch em 1956.

Canese & Alcaraz (2007, p. 83-85), ao tratar do mesmo assunto, classifica palavras dessa natureza como *verbos atributivos*, pois têm a função de atribuir ao sujeito uma qualidade, estado ou ideia de posse, formando-se predicados nominais. Nesse ponto de vista, defende-se que, teoricamente, pode-se formar um *verbo atributivo* a partir de qualquer raiz nominal, seja substantivo, adjetivo ou advérbio, o que, a seu ver, equivale em espanhol a predicados com os verbos *ser*, *estar* ou *tener*: *nde ndekatupyry* ‘tú eres eficiente’; *ha'e iporã* ‘ella es bonita’; *nde ndeyvate* ‘tú eres alto’; *che chememby reta* ‘yo tengo muchos hijos’; *hi'árama hína* ‘ya es su día’; *ñande ñandeare* ‘nosotros nos demoramos’; *ore oreaguñ nde rógagui* ‘nosotros estamos cerca de tu casa’. Nesse sentido, entendemos que Canese & Alcaraz (2007) compartilham das mesmas ideias de Guasch (1996) e Melià (2006) no que diz respeito à formação do enunciado e sua função, no entanto em sua explicação fica mais evidente a influência do conhecimento que possuem da gramática normativa do espanhol, o que os levam a

estabelecer uma equivalência gramatical entre o Guaraní Paraguaio e o espanhol, partindo das semelhanças semânticas entre os enunciados.

Félix de Guaránia (2008, p. 31-32) classifica essas palavras como *verbos predicativos*. Em sua definição, argumenta que são *verbos passivos* que expressam estado (*kane'õ* 'cansaço'), qualidade (*arandu* 'sábio') ou posse, mas ao mesmo tempo afirma que não são propriamente verbos, pois não indicam ação. Diante disso, conclui que se trata de um substantivo, adjetivo ou advérbio que funcionam como verbos.

Dito isso, vale a pena tecer as seguintes considerações:

- (a) os estudos apresentados até aqui concluem que se trata de palavras nominais exercendo a função de um verbo, a partir da noção dessa classe consolidada pela gramática normativa do espanhol;
- (b) essas palavras só podem ser consideradas verbalizadas quando estão justapostas aos pronomes pessoais independentes, porém são tratados como uma segunda série de prefixos pessoais; e
- (c) mesmo ocorrendo numa função verbal, as palavras mantêm o caráter nominal, indicando estado, qualidade ou posse.

A partir dessas considerações, somos levados a crer que a nomenclatura utilizada por esses estudiosos é que tem causado a dúvida: como considerar verbo o que na sua essência é nome. Logo, não estamos afirmando que as descrições estão incorretas, estamos questionando apenas o uso de uma nomenclatura convencional para o espanhol estendida para designar um conjunto de palavras do Guaraní Paraguaio que não apresenta, na sua essência, propriedades verbais, está simplesmente ocorrendo como núcleo de um predicado, o que não o torna verbo, como veremos na seção seguinte.

No que se refere aos estudos do Guaraní Ñandéva falado no sul do estado de Mato Grosso do Sul, Assis (2008) assume em suas explicações gramaticais para os verbetes de seu dicionário duas acepções: substantivo (*kane'õ* 'cansaço, fadiga, canseira, lassidão, labuta') e verbo (*kane'õ* 'estar cansado, estar exausto, estar

fadigado’)<sup>6</sup>. A dúvida que surge aqui é como uma palavra pode estar em duas classes gramaticais ao mesmo tempo. Nesse sentido, compreendemos que uma mesma palavra pode exercer funções sintáticas diferentes determinadas pelos contextos dos enunciados, mas isso não traz, necessariamente, uma mudança de classe de palavras, é o caso, por exemplo, dos próprios pronomes pessoais nessas línguas que, segundo Martins & Mejia (2016) ocorrem como sujeito enfático (7), possessivo (8), objeto de verbo transitivo (9), sujeito de orações nominais (10) e objeto de posposição (11):

- (7) xe a- karu  
1sg. 1- comer  
‘eu como’
- (8) nde Ø- sy  
2sg. R<sup>1</sup>- mãe  
‘tua mãe’
- (9) Maria nhande r- echa  
Maria 1pl.incl. R<sup>1</sup>- ver  
‘Maria nos vê’
- (10) ore r- esarái  
1pl.excl. R<sup>1</sup>- esquecimento  
‘nós esquecemos / nosso esquecimento’
- (11) pende r- ehe  
2pl. R<sup>1</sup>- REL  
‘por vocês’

Para o Kaiowá, consultamos Cardoso (2008) com o objetivo de verificar qual o tratamento que a autora dá para o fenômeno. Em seu trabalho, esse tipo de palavra foi classificado como *verbo intransitivo inativo*, ou seja, são palavras que constituem predicados, indicando estado, qualidade e posse, o que aproxima a análise dessa autora dos demais trabalhos citados neste artigo.

---

<sup>6</sup> Os dados foram extraídos de Assis (2008, p. 136).

Em suma, vimos que todas as propostas de análise apresentada vão na mesma direção, considerar como verbos palavras que se associam a pronomes pessoais e formam um predicado, mesmo que esse tenha propriedades nominais. Vimos também que essa subclasse de verbos recebe termos específicos de toda sorte: verbos chendales, verbos atributivos, verbos passivos, verbos predicativos, verbos intransitivos inativos e nome/verbo. Na seção seguinte, apresentamos outra forma de olhar para os dados, chegando à conclusão de que não se trata de verbos, mas nomes em função de núcleo de predicado.

### **3 Verbos e Nomes em línguas Tupí-Guaraní – refletindo sobre a realidade das línguas Guarani Paraguaio, Kaiowá e Guarani Ñandéva**

Uma proposta diferente das análises anteriores apresentadas foi elaborada por Rodrigues (1952, 1953, 1981, 1996, 2001) para o Tupinambá, o que tem servido de base para a descrição das demais línguas da família Tupí-Guaraní e do tronco Tupí, sendo sua ideia também compartilhada por Cabral (2001) e seguida por Viegas (2017) na mais recente proposta de descrição dos nomes e predicados nominais para o Kaiowá. Cabe ressaltar que Rodrigues<sup>7</sup> foi um grande estudioso das línguas indígenas brasileiras, sendo a principal referência de estudos linguísticos descritivos e históricos dessas línguas.

Em seus trabalhos, Rodrigues defende que a principal diferença entre verbos e nome está na morfologia. Para ele, **são verbos apenas as palavras que recebem prefixos pessoais** para exercer a função de sujeito e estabelecer uma relação de concordância. Nesse sentido, transpondo suas explicações para o Kaiowá, temos como verbos todas aquelas palavras que recebem os seguintes prefixos: a- (1sg.), (e)re- (2sg.), o- (3sg./pl.), (o)ro- (1pl.excl.), ja-/nha- (1pl.incl.), pe- (2pl.):

- (12) a-        ke  
      1sg-    dormir

---

<sup>7</sup> Aryon Dall'Igna Rodrigues faleceu em 2014. Trata-se de um grande linguista reconhecido nacional e internacionalmente por suas descobertas ao estudar línguas indígenas brasileiras, para qual função dedicou toda a sua vida.



‘eu durmo’

(13) re- guata

2sg- andar

‘você anda’

(14) o- karu

3sg./pl.- comer

‘ele(s)/ela(s) come(m)’

(15) ro- ho

1pl.excl.- ir

‘nós (exclusivo) vamos’

(16) ja- ike

1pl.incl.- entrar

‘nós (inclusivo) entramos’

(17) pe- po

2pl.- pular

‘vocês pulam’

Dentro dessa perspectiva, não faz parte da classe de verbos as palavras apresentadas nos exemplos da seção anterior, uma vez que não recebem prefixos pessoais, mesmo que os estudiosos citados tenham proposto que *che*, *nde*, *ore*, *nhande*, *pende* sejam prefixos pessoais nesses contextos. Como afirmamos, admitimos que tais palavras não podem ser prefixos pessoais em Kaiowá, mesmo em Guaraní Paraguaio ou Guaraní Ñandéva, mas se tratam de pronomes independentes, isso porque não existe nenhuma língua Tupí-Guaraní conhecida que possua prefixos pronominais, uma vez que os morfemas ou são prefixos ou são pronomes (cf. CABRAL, 2001).

Para Rodrigues (1996, 2001) e Cabral (2001) as línguas Tupí-Guaraní apresentam nomes que funcionam como núcleos de predicado, para além de sua função

argumental e circunstancial<sup>8</sup>, sendo esta também a forma que Viegas (2017) considera na descrição proposta para nomes e predicados nominais em Kaiowá. Nessa perspectiva, alguns nomes em Kaiowá, Guarani Ñandéva e Guarani Paraguaio, como nas demais línguas da família Tupí-Guaraní, ora exercem uma função argumental ou circunstancial, ora exercem a função de núcleo de predicado.

Então, o que distingue nomes de verbos, do ponto de vista morfológico, é o fato de que os verbos plenos combinam com prefixos pessoais, já os nomes não. No entanto, é também um aspecto morfológico que assemelha uma parte dos nomes do Kaiowá, do Guarani Paraguaio e do Guarani Ñandéva com os verbos, o que é muito comum nas línguas Tupí-Guaraní, de forma geral. Trata-se dos morfemas relacionais<sup>9</sup>, os quais ocorrem com verbos transitivos e nomes relativos<sup>10</sup>, além de ocorrer com posposições. Tal propriedade morfológica licencia os nomes relativos a operarem, na sintaxe, como núcleos de sintagmas nominais em determinados enunciados e como núcleo de predicados em outros, conforme pode ser constatado nos dados do Kaiowá a seguir:

(18a) xe Ø- sy Ø- mandua  
1sg. R<sup>1</sup>- mãe R<sup>1</sup>- lembrança  
'a lembrança da minha mãe'

(18b) xe Ø- sy i- mandua  
1sg. R<sup>1</sup>- mãe R<sup>2</sup>- lembrança  
'a minha mãe lembra / existe a lembrança da minha mãe'

Em (18a), a palavra *mandu'a* ocorre dentro do sintagma nominal que estabelece uma relação de posse: *xe sy mandu'a* 'lembrança da minha mãe'. Em (18b), por meio do prefixo relacional de não contiguidade, o R<sup>2</sup>, a palavra *mandu'a* passa a exercer a função de núcleo do predicado, o que possibilita a construção da oração que, em

<sup>8</sup> Os nomes, nessa perspectiva de análise, podem ocupar função argumental (sujeito/objeto), função circunstancial (expressão adverbial construída a partir da combinação de morfemas casuais ou por meio de posposição), além da função de núcleo de predicado que será esclarecida neste tópico.

<sup>9</sup> Sobre os prefixos relacionais em línguas Tupí-Guaraní, sugerimos a leitura do texto de Cabral (2001).

<sup>10</sup> Rodrigues (1981) propõe uma subdivisão de classe dos nomes, sendo esta proposta considerada neste estudo. Para ele, os nomes se subdividem em absolutos e relativos, sendo que a diferença morfológica entre eles é que os relativos são flexionados pelos prefixos relacionais, enquanto os absolutos nunca ocorrem com esses morfemas.

português, equivaleria dizer “a minha mãe lembra ou existe a lembrança da minha mãe”, mas que em Kaiowá, em Guarani Paraguaio e em Guarani Ñandéva sua forma não é alterada (de nome para verbo), mas se trata de um nome como núcleo do predicado. Seguem outros exemplos:

(19a) nde Ø- sy r- esarái  
2sg. R<sup>1</sup>- mãe R<sup>1</sup>- esquecimento  
‘o esquecimento da tua mãe’

(19b) nde Ø- sy h- esarái  
2sg. R<sup>1</sup>- mãe R<sup>2</sup>- esquecimento  
‘sua mãe esquece /existe o esquecimento da sua mãe’

(20a) i- sy Ø- porã  
R<sup>2</sup>- mãe R<sup>1</sup>- bom  
‘a beleza/bondade da mãe dele/dela’

(20b) i- sy i- porã  
R<sup>2</sup> mãe R<sup>2</sup> bom  
‘a mãe dele é bonita/boa’

(21a) nhande r- ãi r- asy  
1pl.incl. R<sup>1</sup>- dente R<sup>1</sup>- dor  
‘a dor do nosso dente’

(21b) nhande r- ãi h- asy  
1pl.incl. R<sup>1</sup>- dente R<sup>2</sup>- dor  
‘nosso dente dói / nosso dente está doendo’

(22a) xe i- túva  
1sg. R<sup>2</sup>- pai  
‘eu sou pai (dele)’

(22b) xe ha'e<sup>11</sup> i- túva  
1sg. este R<sup>2</sup>- pai  
'eu sou pai (dele)'

(23a) xe i<sup>12</sup>- mbo'ehára  
1sg. R<sup>2</sup>- professor  
'eu sou professor (dele)'

(23b) xe ha'e i- mbo'ehára  
1sg. este R<sup>2</sup>- professor  
'eu sou professor (dele), eu (dele) professor'

No caso de predicados que exprimem uma relação de posse, tanto o Kaiowá, quanto o Guarani Ñandéva e o Guarani Paraguaio têm utilizado o verbo *-reko* 'ter' como núcleo dos predicados que expressam semanticamente essa relação, no entanto, isso ocorre com predicados não-negados, pois com predicados negados pelo sufixo de negação<sup>13</sup> *-i* a expressão de posse ocorre sem a presença de um verbo pleno, apenas com a justaposição de um pronome ou nome ao nome relativo que, por conseguinte, é o núcleo do predicado. Destacamos que tal relação é mediada pelos prefixos relacionais de contiguidade e não-contiguidade, R<sup>1</sup> e R<sup>2</sup>, respectivamente:

(24a) xe a- [r- eko] t- úva  
1sg. 1sg.- [C.COM estar.em.movimento] R<sup>4</sup>- pai  
'eu tenho pai'

<sup>11</sup> Isso demonstra que *ha'e* é um dêitico, um demonstrativo, pois seu uso não está restrito à terceira pessoa, mas se trata de uma ênfase: este de quem eu falo, por isso torna-se inadequado considerá-lo como um pronome de terceira pessoa. Informações mais aprofundadas acerca desse aspecto pode ser visto em Martins & Mejia (2016).

<sup>12</sup> Isso demonstra que *i-* não é um prefixo pessoal de terceira pessoa, mas um prefixo que indica não contiguidade do determinante, ou seja, o seu referente (*xe*) não faz parte do sintagma, mas constitui por si mesmo um outro sintagma. Sobre a função dos prefixos relacionais em Kaiowá, sugerimos a leitura do Mejia (2017) e Viegas (2017).

<sup>13</sup> Diferentemente de Cardoso (2006, 2008), Martins & Catão (2016) assumem que a negação de predicado em Kaiowá, Guarani Paraguaio e Ñandéva ocorre apenas com a inserção do sufixo de negação. Cardoso considera a negação como algo constituído a partir de um morfema descontínuo *nda-...-i*. No entanto, Martins e Catão (2015) apresentam evidências de que *nda* não é um prefixo. Trata-se de um advérbio de negação destituído de acento próprio, o que causa a sua cliticização à palavra imediatamente à sua direita.

(24b) nda= xe r- u -i  
 não 1sg. R<sup>1</sup>- pai NEG  
 ‘não tenho pai’

(25a) xe a- [r- eko] mbo'ehára portugue -pe -gua  
 1sg. 1sg- [C.COM- estar.em.movimento] professor português -LP -CIRC  
 ‘eu tenho um professor de português’

(25b) nda= xe mbo'ehára portugue -pe -gua -i  
 Não 1sg. professor portugues -LP -CIRC -NEG  
 ‘eu não tenho um professor de português’

Isso tem servido para constatar que, de fato, nomes relativos podem ocupar a função argumental como também podem ser núcleo de predicado, constituindo enunciados oracionais. Dessa forma, compreendemos que nenhum dos autores aqui citados nega o caráter nominal das estruturas apresentados, no entanto, a concepção do que é verbo e do que é nome nessas línguas é distinta, varia de pesquisador para pesquisador. Porém, aqueles que têm admitido que se trata de verbo o fazem com base na tradução dessas estruturas para o português ou para o espanhol. Nesse sentido, rotular como verbo as palavras apresentadas neste estudo só faz sentido se partir da tradução proposta tanto para o português quanto para o espanhol, tendo como referências as gramáticas dessas línguas, onde não é possível constituir uma oração sem verbo: eu *sou* bonito; você *é* professor, nós *estamos* felizes, por exemplo.

No caso das línguas Guarani Paraguaio, Kaiowá e Guarani Ñandéva, mesmo existindo processos derivacionais que viabilizam a constituição de verbos a partir de nomes e nomes a partir de verbos, elas contam também com mecanismos flexionais que viabilizam o uso de nomes em função argumental e como núcleo de predicado. No caso de verbos plenos, ocorre de forma distinta, pois somente podem ser núcleo de predicado nessas línguas, uma vez que perderam a marca morfológica de caso argumentativo, o que licenciava o uso dessas palavras em posição argumental, algo que ainda é notável

para línguas da família linguística Tupí-Guaraní que conservaram esse mecanismo gramatical<sup>14</sup>.

### **Considerações finais**

Neste artigo, procuramos esclarecer os motivos que levam alguns pesquisadores a classificar como verbo em Guaraní Paraguaio, em Kaiowá e em Guaraní Ñandéva palavras que possuem propriedades semânticas e morfológicas de nomes, mas assumem sintaticamente o papel de núcleo de predicado em determinados enunciados. Vimos que essa proposta, além de causar confusão na distinção do que é verbo e do que é nome, propicia a criação de termos técnicos distintos entre os estudiosos, o que gera também confusão na hora de tentar explicar o fenômeno na escola indígena: verbos chendales, verbos atributivos, verbos passivos, verbos descritivos, verbos predicativos, verbos intransitivos inativos, entre outros. Por outro lado, vimos que existem argumentos que justificam a manutenção dessas palavras na classe de nomes, uma vez que os recursos morfossintáticos disponíveis nessas línguas apenas adicionam mais uma função a essas palavras e não cria novas palavras, o que, possivelmente, poderia acarretar a mudança de classe gramatical de nome para verbo. No entanto, como não se trata de um processo derivacional, mas de uma operação flexional, a natureza nominal tende a permanecer.

Quando iniciamos este estudo, tínhamos em mente a necessidade de esclarecer esse fenômeno entre nós, para que isso pudesse também ser trabalhado nas aulas de reflexões linguísticas das línguas Guaraní Paraguaio, Kaiowá e Ñandéva nas escolas indígenas da região sul de Mato Grosso Sul e nas próprias aulas de Linguística da área de Linguagens da Licenciatura Intercultural Indígena – *Teko Arandu*. Diante do exposto, entendemos que nossa postura, enquanto professores/pesquisadores é ter uma posição mais crítica e reflexiva sobre as descrições que explicam as formas de funcionamento das línguas em estudo. Isso nos possibilita não apenas escolher uma abordagem descritiva ou uma análise linguística provisória para trabalhar em sala de aula, mas apresentar aos alunos todas as propostas existentes, a fim de que eles possam

---

<sup>14</sup> Uma proposta recente de descrição morfológica dos verbos em Kaiowá foi realizada por Mejia (2017).



compreender o que justificou cada posicionamento distinto entre os pesquisadores. Nossa postura no ensino de língua indígena, e que tem sido assumida também na área de Linguagens da Licenciatura Intercultural Indígena – *Teko Arandu*, é de trabalhar a língua de forma reflexiva e não impositiva, de forma descritiva e não prescritiva. Dessa maneira, os alunos e professores indígenas vão perceber que não há uma forma certa ou errada de análise, o que muda é como olhamos para as estruturas da língua e do local em que estamos para observar.

Embora tenhamos observado os fatos a partir das visões diversas apresentadas aqui, Rodrigues possui uma série de argumentos contundentes que revelam o seu posicionamento ainda o mais acertado para o fenômeno apresentado nessas linhas.

### Referências

- ASSIS, C. F. *Ñe'ẽryru avañe'ẽ português*. 2.ed. São Paulo: Edição da Autora, 2008.
- CABRAL, A. S. A. C. Flexão Relacional na Família Tupí-Guaraní. *Boletín ABRALIN*, 25: 233-62. 2001.
- CANESE, N. K. de & ALCARAZ, F. A. *Gramática Guaraní*. Colección Ñemity. Asunción: Servilibro, 2007.
- CARDOSO, V. F. Negação em Kaiowá. Ave Palavra. *Revista Digital do Curso de Letras* – UNEMAT, Campus de Alto Araguaia, MT, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Aspectos Morfossintáticos da Língua Kaiowá (Guarani)*. Tese de Doutorado. Campinas, SP: Unicamp, 2008.
- GUARANIA, F. *Tabla sinóptica para una nueva gramática Guaraní*. Asunción-PY: Servi Libro, 2008.
- GUASH, A. *El idioma guaraní*. Gramática y antología de prosa y verso. 7.ed. Asunción-PY: CEPAG, 1996.
- MARTINS, A. M. S. A presença do prefixo correferencial de terceira pessoa em uma variedade da língua Kaiowá. In: PRIA, Albano Dalla et al. (Orgs.). *Linguagem e línguas: invariância e variação*. Campinas-SP: Pontes, 2014.
- MARTINS, A. M. S.; CATÃO, H. V. Negação em Kaiowá. *Apresentação realizada no VIII Encontro de Pesquisa na Graduação de Letras (EPGL); VII Congresso Nacional de Estudos Linguísticos e Literários de Mato Grosso do Sul (CNELLMS); V Encontro de Pesquisa na Pós-Graduação de Letras (EPPGL)*, 08 a 10 de junho de 2016. Dourados: UEMS, 2016.



MARTINS, A. M. S.; MEJIA, B. F. M. Prefixos, clíticos ou pronomes independentes? Uma análise das marcas pessoais em função argumental na língua Kaiowá. **Apresentação realizada no VIII Encontro de Pesquisa na Graduação de Letras (EPGL); VII Congresso Nacional de Estudos Linguísticos e Literários de Mato Grosso do Sul (CNELLS); V Encontro de Pesquisa na Pós-Graduação de Letras (EPPGL)**, 08 a 10 de junho de 2016. Dourados: UEMS, 2016.

MEJIA, B. F. M. **Verbos e predicados verbais em Kaiowá**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados: UFGD, 2017.

MELIÀ, B. y Equipo de Educación Intercultural Bilingüe de Fe y Alegría. **Guarani. Ñe'ẽ paraguái**: gramática pedagógica para hablantes de guaraní. Asunción-PY: Fé y Alegría, 2006.

RODRIGUES, A.D. Morfologia do Verbo Tupí. **Letras**, Curitiba, v. 1, p. 121-152, 1952.

\_\_\_\_\_. Análise morfológica de um texto Tupí. **Logos**, 15:56-77, Curitiba, 1953.

\_\_\_\_\_. Estrutura do Tupinambá, 1981, ms. Publicado em: CABRAL, A.S.A.C.; RODRIGUES, A.D.; DUARTE, F.B. **Línguas e Culturas Tupí**. Campinas, SP: Curt Nimuendajú; Brasília: LALI/UnB, 2010, pp. 11-42.

\_\_\_\_\_. 1984-85. Relações internas na família linguística Tupí-Guaraní. **Revista de Antropologia**, 27/28, 1984-85, p. 33-53. São Paulo.

\_\_\_\_\_. Argumento e Predicado em Tupinambá. Boletim da ABRALIN, n. 19, 1996, p. 57-66. Republicado na **Revista de Linguística Antropológica**, v. 3, n.1 (Jul. 2011) – Brasília: Laboratório de Línguas Indígenas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2011, p. 93-102. Aryon Dall'Igna Rodrigues (editor), Ana Suely Arruda Câmara Cabral (co-editora).

\_\_\_\_\_. Alguns problemas em torno da categoria lexical verbo em línguas Tupí-Guaraní In: Cabral, Ana Suely A. C.; Aryon D. Rodrigues (Orgs.). Estudos sobre Línguas Indígenas I. Belém: EdUFPA. p. 87-100, 2001. Republicado na **Revista de Linguística Antropológica**, v. 3, n.1 (Jul. 2011) – Brasília: Laboratório de Línguas Indígenas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2011, p. 103-114. Aryon Dall'Igna Rodrigues (editor), Ana Suely Arruda Câmara Cabral (co-editora).

VIEGAS, L. R. **Nomes e predicados nominais em Kaiowá**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados: UFGD, 2017.

Recebido Para Publicação em 13 de junho de 2017.

Aprovado Para Publicação em 24 de agosto de 2017.